

REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA SOBRE MODOS DE SER SURDO

Lodenir Becker Karnopp*
Juliana de Oliveira Pokorski**

RESUMO

Este artigo investiga representações sobre modos de ser surdo que circulam em narrativas produzidas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), por acadêmicos do Curso de Letras-Libras, das turmas iniciadas em 2008. O presente estudo está vinculado aos Estudos Culturais em Educação e aos Estudos Surdos, os quais problematizam as relações de poder envolvidas na construção de significados culturais. Desse modo, os vídeos produzidos por esses acadêmicos são entendidos como artefatos culturais, os quais se constituem como recurso cultural em um território de reivindicações e de negociações de códigos culturais. Com base em pesquisa desenvolvida por uma das autoras deste artigo, intitulada *Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras* (POKORSKI, 2014), este artigo analisa modos de ser surdo, presentes em nove (9) narrativas sinalizadas, que tematizam as experiências surdas. Por fim, as representações apontam para práticas culturais historicamente excludentes; no entanto, enfatizam a língua de sinais e a comunidade surda como marcas de valorização de sua diferença.

Palavras-chave: Estudos surdos. Estudos culturais em educação. Cultura surda.

* Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-Doutoramento na Gallaudet University, em Washington, DC, Estados Unidos. Professora no Departamento de Estudos Especializados e no Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED/UFRGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* lodenir.karnopp@ufrgs.br

** Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa dos Estudos Culturais em Educação. Professora assistente na UFRGS, na disciplina de Língua Brasileira de Sinais. *E-mail:* juliana.pokorski@gmail.com

ABSTRACT

This paper investigates representations of manners of being deaf, circulating in narratives produced in Brazilian Sign Language (Libras), by academics of the Course Letters-Libras, from classes started in 2008. This study is linked to Cultural Studies in Education and Deaf Studies, which problematize the power relations involved in the construction of cultural meanings. Thus, the videos produced by these academics are understood as cultural artifacts, which are constituted as a cultural resource in a territory and claims of cultural codes negotiations. Based on research by one of the authors of this article, entitled *Representations in the Deaf Literature: production of the deaf difference in Languages-Libras Course* (POKORSKI, 2014), this article examines manners of being deaf, present in nine (9) narratives that analyze deaf experiences. Finally, the representations show cultural practices historically exclusionary; however, emphasize the sign language and the deaf community as recovery marks of their difference.

Keywords: Deaf studies. Cultural studies in education. Deaf culture.

Sinais introdutórios

Com o propósito de justificar a temática abordada neste estudo – representações sobre modos de ser surdo, que circulam em narrativas produzidas em Libras – iniciamos este artigo com a reflexão proposta por Carlos Skliar, que coloca como central o papel das representações e das identidades para as mudanças educacionais. Diz o autor:

Mas resulta evidente que o quadro deveria ser invertido, quer dizer, que a/s mudança/s em educação começa/m com a/s mudança/s nas identidades e nas representações e podem, ou não, alterar profundamente o texto e os códigos educativos. Pensar o contrário, quer dizer, esperar que mudanças textuais e de código mudarão naturalmente as representações e as identidades educacionais, é negar ou esquecer a obscura história das reformas educativas na América Latina nas últimas décadas (SKLIAR, 2001, p. 13).

Nos últimos anos, a comunidade surda obteve grandes conquistas, como o acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho e visibilidade

da Libras na sociedade. Um destaque é o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), através da Lei Federal de 2002, a qual implementou mudanças que ampliaram o acesso, a formação, a divulgação, bem como o uso da Libras na educação.

Tal como discute Skliar, na citação apresentada anteriormente, pode-se ingenuidade pensar que os modos de ver o sujeito surdo podem ser modificados apenas com as mudanças nos códigos legais; no entanto, é inegável que algumas ações atreladas ao reconhecimento da Libras têm produzido condições de possibilidade para a criação e circulação de outras formas de representar o surdo, as quais produzem diferentes olhares e práticas sobre esses sujeitos.

Uma das importantes consequências atreladas à oficialização da Libras é a criação do curso de Letras-Libras que surge em função da demanda de formação de intérpretes e professores de Libras prevista no Decreto n. 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras e torna obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais em todos os cursos de graduação em licenciatura e fonoaudiologia. Tal curso possibilitou uma maior inserção dos surdos no ambiente acadêmico, qualificando as discussões propostas por esses sujeitos no âmbito educacional e uma maior articulação da comunidade surda. Além disso, especificamente, o Curso de Letras-Libras favoreceu uma produção considerável de artefatos literários a partir da disciplina de Literatura Surda, destacados aqui por interessarem e constituírem o objeto de análise deste estudo.

O curso de Letras-Libras merece destaque por ter sido o primeiro curso em formato completamente bilíngue (Português-Libras) produzido no Brasil, possibilitando aos surdos o acesso ao ensino superior e o uso da língua de sinais desde o processo seletivo, passando pelas atividades e materiais bilíngues de todas as disciplinas, até a conclusão do curso. Cabe ainda salientar que a modalidade a distância favoreceu a troca de conhecimentos e de experiências, bem como a articulação política entre surdos de diferentes estados, tendo como sede a Universidade Federal de Santa Catarina e quinze polos, incluindo diversos Estados e o Distrito Federal. Ainda, atentando para questões estritamente acadêmicas, cabe chamar atenção para o currículo do curso de Letras-Libras, compartilhado entre todos os polos, o qual produziu profissionais para atuarem com formação específica no ensino de Libras.

Cabe salientar que a pesquisa aqui apresentada está ancorada no campo investigativo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, que problematizam as relações de poder envolvidas na produção de significados

culturais. Adicionalmente, entende-se que representação é uma prática que produz cultura, pois a representação, através da linguagem, é central para os processos através dos quais o significado é produzido. Os surdos são sujeitos produtos e produtores da cultura, resultado dos jogos de representação que colocam em circulação significados que regulam práticas, influenciam condutas e possuem diferentes efeitos.

Desse modo, ao longo deste texto são analisadas representações sobre os sujeitos surdos presentes nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras (turmas iniciadas em 2008), concordando com a afirmação de Hall (1997, p. 3) de que “damos significado às coisas através da forma como as representamos – as palavras que usamos, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e as conceituamos, os valores que lhes atribuímos.”

A partir dessas considerações, olhar para as narrativas produzidas em Libras não se reduz a observação do que se “diz sobre” os sujeitos surdos, mas consiste em problematizar os efeitos de sentido produzidos em narrativas sinalizadas, atentando para o fato de que os significados podem ser constantemente ressignificados; e embora exista uma materialidade corporal sobre a qual se inscreve o “ser surdo”, não existem conceitos prontos e fechados acerca desses sujeitos.

É possível afirmar que as narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), produzidas por acadêmicos do Curso de Letras-Libras, não se caracterizam como “um campo passivo de mero registro ou de expressão de significados existentes” (HALL, 1997, p. 47). Esses significados são construídos historicamente, principalmente por membros das comunidades surdas, inseridos em um campo discursivo do nosso tempo. Além disso, a “cultura é alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados” (SILVEIRA, 2005, p. 199).

No campo da literatura surda e da literatura em línguas de sinais, membros das comunidades surdas produzem e exercitam o prazer estético e a tradução cultural, oportunizando a circulação e o consumo da cultura surda. Através das histórias que são contadas e que circulam em comunidades

surdas, é possível registrar a memória dessa comunidade, testemunhar suas práticas cotidianas e os significados partilhados sobre as experiências de ser surdo através de narrativas sinalizadas. Consideramos, para fins de análise, que acadêmicos do curso de Letras-Libras são membros da comunidade surda, pelos vínculos relacionados à experiência visual, ao uso da língua de sinais e pelas experiências compartilhadas.

No processo investigativo, deparamo-nos com produções de narrativas em língua de sinais, com o interesse de identificar e traduzir os significados partilhados na comunidade surda. Compartilhar a língua de sinais por membros de uma comunidade surda permite um acesso comum à linguagem, conforme afirma Hall: “A linguagem é o meio privilegiado através do qual damos sentido às coisas, através do qual o significado é produzido e através do qual há seu intercâmbio. Os significados só podem ser partilhados através de um acesso comum à linguagem.” (1997, p. 1). Com o propósito de apresentar as análises desenvolvidas, deparamo-nos com a tarefa de traduzir as narrativas produzidas em sinais para a língua portuguesa. Nesse caminho investigativo, como pesquisadoras temos o desafio metodológico de lidar com duas línguas e, nesse sentido, “a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15). Cabe registrar que entendemos metodologia como um modo de olhar, de perguntar, de discutir informações; enfim, “como uma certa forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Narrativas sinalizadas e selecionadas

Neste artigo, inicialmente é apresentado o material empírico que constitui o recorte para a análise de representações sobre modos de ser surdo que circulam em narrativas produzidas em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tais narrativas são parte das produções literárias de acadêmicos do Curso de Letras-Libras (turma 2008) e compõem o banco de dados do projeto de pesquisa “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”. Após a apresentação do material empírico, são discutidas as recorrências e

¹ Tradução nossa.

singularidades nas narrativas sobre as experiências e modos de ser surdo, bem como análises provenientes dessas produções. Ao final, são apresentados os resultados dessas análises.

Durante os anos de 2010 a 2012, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desenvolveram o projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”², que teve como objetivo principal a análise de processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. A partir desse objetivo, tal projeto procurou-se dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções culturais das comunidades surdas no Brasil (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011). De modo a atender a esse objetivo, realizou-se a coleta de diferentes materiais, entre eles, cento e oitenta e três (183) vídeos produzidos em Libras na disciplina de Literatura Surda do curso de Graduação em Letras-Libras³.

Para o presente artigo, foram utilizadas nove (9) narrativas sinalizadas, as quais evidenciam modos de ser surdo em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Essas nove narrativas foram também utilizadas em uma investigação que analisou trinta e uma (31) narrativas sinalizadas, na pesquisa intitulada *Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras* (POKORSKI, 2014). As nove narrativas sinalizadas selecionadas para a presente análise tratam de modos de ser surdo e compõem o banco de dados do projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011). As narrativas analisadas são as seguintes:

² Edital n. 07/2008, CAPES/MinC – Pró-cultura.

³ A disciplina de Literatura Surda, localizada no 5º semestre do curso, foi ministrada pela professora Dra. Lodenir Becker Karnopp, para quem, como trabalho final, os alunos realizaram produções literárias que foram encaminhadas em DVD para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), compondo um banco de dados para pesquisas sobre a cultura e a literatura surda. A utilização desse material ocorreu mediante a autorização dos participantes e através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

QUADRO 1
Título, sinopse e membros do grupo

	Título	Sinopse	Componentes do grupo
1	24 – Proibido o Implante Coclear	Um casal de surdos tem um filho também surdo. Ainda bebê, ele vai aprendendo a língua de sinais em um ambiente agradável, até que é retirado do convívio dos pais pelos avós, que o levam para realizar o implante coclear. Implantada, a criança cresce fora do convívio dos pais, sem identificar-se como surdo, até que encontra na rua um grupo de surdos sinalizantes que fazem a história tomar outro rumo.	Fabício Ramos; Marcelo; Lucila; Flávia
2	29 – Encontra cidade puro surdos	Um surdo entra escondido em uma embarcação, mas é encontrado e atirado ao mar. Nadando, encontra uma cidade onde todos são surdos.	Márcio Stein; Ellery Johnson
3	32 – Lua, a lobinha surda	Fábula sobre uma lobinha que, por ser surda, é desvalorizada pelo líder da alcateia. Um dia, porém, por se comunicar em silêncio, salva a vida deste líder, passando a ser respeitada e admirada pelo grupo.	Francinei Costa; Cristine Luna; Keli Krause
4	49 – Tempo venenoso	Compara o passar do tempo dos ouvintes quando estão entre surdos e dos surdos quando estão entre ouvintes. Valoriza o encontro entre pares e mostra que o passar do tempo é relativo ao que se está fazendo.	Daniel; Mariana; Zuleica.
5	118 – Alice no país das maravilhas	Alice é surda e, junto ao coelho, viaja por um país de maravilhas, em que vivenciam a cultura surda.	Ana Paula; Elizanete; Bruno.
6	123 – Peter Pan	Peter Pan leva para a sua terra uma surda oralizada de modo a possibilitar o contato com a cultura surda. No entanto, é surpreendido por Capitão Gancho, que, também surdo, tem péssimas lembranças de sua oralização.	Ana Paula; Elizanete; Bruno.
7	125 – Mente Escura	Um surdo recupera sua alegria de viver após encontrar outro surdo, que também usa a língua de sinais.	Anderson Gonçalves; Eduardo Tanaka; Rafaela Hoebel.

8	131 – Mãos inquietas	Discute sobre o oralismo como uma prisão para as mãos.	André; Camila; Cláudia; Ivanete; Renata.
9	144 – Modelo professor surdo	O professor surdo ao chegar na escola e ver que seus alunos ainda não sabem sinalizar, relembra o seu passado e percebe a importância do profissional surdo como modelo linguístico e profissional para as crianças.	Adriana; Bruno; Marta; Tatiane; Wilson Silva.

Na sequência deste artigo, serão apresentadas análises das representações sobre modos de ser surdo, presentes em narrativas descritas no quadro anterior.

Representações sobre o sujeito surdo: o percurso dos personagens

Ao se fazer um panorama sobre as pesquisas a respeito de representações da surdez ao longo dos tempos (SILVEIRA, 2000; THOMA, 2002; KARNOPP, 2006; PINHEIRO, 2012), é possível perceber um deslocamento de olhar a partir do momento em que a língua de sinais é reconhecida legalmente e também quando os surdos colocam em circulação artefatos com suas produções culturais, suas histórias, suas memórias, suas experiências.

Assim, no circuito cultural, especialmente a partir dos anos de 1990, são encontrados artefatos culturais com representações não somente vinculadas ao sofrimento e às dificuldades impostas pela surdez, como era frequente antes desse período, mas emergem narrativas que posicionam o surdo como sujeito cultural, como minoria linguística. Nesse sentido, especialmente na literatura surda – nas histórias de vida, contos, crônicas, poemas, piadas, entre outros – emergem representações que estão vinculadas à valorização da Libras, ao sucesso, ao orgulho de ser surdo, às experiências visuais do povo surdo. Vale a pena salientar que tais narrativas possivelmente já se faziam presentes há muito tempo na comunidade surda, mas somente nos últimos anos têm ganhado espaço editorial e no âmbito virtual (especialmente no *youtube*), tencionando a norma ouvinte, valorizando a diferença surda, e a língua de sinais.

Tais mudanças nas narrativas estão inseridas em um tempo que trouxe condições de possibilidade para que tais representações emergissem nas narrativas. Além da oficialização da Libras, destaca-se também o avanço tecnológico

ocorrido nos últimos anos, que favoreceu o registro em vídeo das histórias contadas em Libras. Neste sentido, Karnopp e Silveira (2014, p. 98) afirmam:

As produções literárias em Libras começaram a circular de modo mais frequente a partir de 2000. O avanço tecnológico nos últimos anos facilitou o uso de equipamentos portáteis (como máquinas digitais ou filmadoras), bem como a divulgação e circulação de vídeos em Libras, agilizando assim o registro de piadas, poesias, contos... sobre/de/para surdos. A questão das formas de registro das histórias é um aspecto importante a considerar para a análise da literatura surda, porque é diferente do caso da literatura escrita utilizada em culturas letradas.

Assim, observa-se um aumento na produção, circulação e consumo da cultura surda no Brasil, o qual tem proporcionado visibilidade às produções artístico-literárias em Libras, disponibilizadas em vídeos ou em material impresso.

Cabe salientar que múltiplas são as formas de narrar a surdez, mas as narrativas aqui analisadas se contrapõem a representações que posicionam o surdo como deficiente, que necessita ser curado ou tolerado. Nesse sentido, cabe atentar para a trajetória de grande parte dos personagens surdos nas narrativas: inicialmente, o caminho da escuridão e solidão marca a vida do personagem; no desenvolvimento, cenas dão sequência à narrativa, chegando ao clímax que muda essa situação quando o personagem entra em contato com a comunidade surda e, ao final, aponta a luz e a comunicação em sinais como o desfecho (final feliz) da narrativa.

De um modo recorrente, nas diferentes histórias analisadas, as experiências vividas pelos personagens surdos indicam uma mudança no momento em que encontram seus pares surdos e a língua de sinais. Nesse sentido, o isolamento e solidão caracterizam o momento de afastamento da comunidade surda; aconchego, liberdade e descobertas caracterizam o momento de encontro com a comunidade surda e com a língua de sinais.

Além disso, nas narrativas são trazidos elementos da história do povo surdo em seus processos educacionais, mostrando que em alguns momentos os surdos foram excluídos; em outros, foram aceitos, mas não plenamente incluídos. Nesse processo educacional, as histórias contam que a língua de sinais foi ridicularizada, proibida, tolerada e/ou aceita.

Um exemplo que ilustra a história da escolarização de surdos é *Mãos*

inquietas, que narra os seguintes eventos: inicia focalizando as mãos sinalizantes, que passeiam felizes em um clima de calma e liberdade, remetendo a um período em que a língua de sinais era aceita. Em seguida, aproximam-se outras mãos, que transformam as mãos sinalizantes em marionetes, restringindo as possibilidades de expressão livre. Na sequência, com as mesmas cordas com que foram manipuladas, as mãos inquietas são amarradas e deixam de ser visíveis, dando lugar a um rosto que oraliza tristemente sob condução das mesmas mãos que manipularam e aprisionaram a comunicação sinalizada. Tal movimento na narrativa pode ser metaforicamente associado ao Congresso de Milão, de 1880, no qual o oralismo foi instalado como a filosofia de ensino, que resultou na demissão de profissionais surdos das escolas e no início de um longo período de proibições e de intolerância às línguas de sinais em prol de um ensino voltado para a estimulação oral.

A narrativa *Mãos Inquietas* pode ainda estar relacionada às práticas de normalização dos sujeitos surdos, práticas estas que posicionam o sujeito surdo em comparação aos ouvintes, dando ênfase a perda auditiva e colocando as línguas de sinais à margem, percebendo os surdos como indivíduos que necessitam ser corrigidos.

Um segundo exemplo pode ser percebido no conto *Alice no país das Maravilhas*, adaptação do original de Lewis Carrol, no qual Alice é uma menina surda, que vive em uma família de ouvintes. Nesse conto, os autores enfatizaram a oralização como imperativo na educação de surdos, conforme excerto a seguir:

Alice nasceu surda, seus pais ficaram preocupados e a levaram a diversos lugares pois ela precisava oralizar. Levaram-na a fonoaudióloga, a uma escola de ouvintes onde os alunos oralizavam. Alice sofreu muito, o tempo passou, ela cresceu.

Quando ela tinha dezoito anos estava sentada triste em um galho no alto de uma árvore. Sua mãe, escorada no tronco da árvore, lia um livro em voz alta.

Alice disse a ela que era surda e não entendia o que estava sendo lido. A mãe dela respondeu que era preciso aprender a oralizar para que no futuro pudesse se desenvolver melhor, uma vez que a Libras não era grande coisa, era melhor que ela oralizasse.

(118 – Alice no país das maravilhas)

No excerto acima, são enfatizadas diferentes tentativas dos pais de Alice em apagar a sua diferença, chegando à negação da surdez, quando a mãe lhe lê um livro sem estabelecer um mínimo de contato visual. Ainda no mesmo excerto é apresentada a tristeza da protagonista em relação às situações vividas. A mãe afirma a necessidade de oralização para que Alice se desenvolva, uma vez que a Libras (e com ela a condição de ser surda) não “era grande coisa” e nem possuiria o mesmo potencial que a língua oral e a condição de ouvinte.

Nas duas narrativas apresentadas anteriormente, *Mãos Inquietas* e *Alice no país das maravilhas* são apresentados exemplos de personagens surdos que vivenciam momentos em que a língua de sinais é marginalizada, desvalorizada, vista como uma língua de transição, nunca como a língua do sujeito surdo, ou do aprendiz, enquanto a oralização é valorizada. Em ambas produções, o surdo é colocado em posição inferior ao ouvinte. Por outro lado, nas narrativas, a oralização e o ouvinte se posicionam como a norma, como parâmetro de medida do que é melhor, mais correto e adequado. Aos surdos, neste primeiro grupo de narrativas, cabe a aceitação dessa condição ou desse domínio, uma vez que encontram-se sozinhos e portanto não possuem forças suficientes para imporem seus desejos.

Em um terceiro conto, *Peter Pan*, é ilustrada a impossibilidade de luta para permanecer na diferença. O personagem Capitão Gancho é um surdo que procurou lutar pelo direito de se comunicar em língua de sinais, mas acabou com uma de suas mãos cortadas, motivo pelo qual ele se revolta contra qualquer surdo que se submeta às práticas de oralização; para ele, ao não valorizar a língua de sinais, não se valoriza a luta por ele empreendida. Ter a mão cortada simboliza que o surdo não possui o direito ao uso da língua de sinais. Veja-se o excerto:

Capitão Gancho tem um trauma, pois há muitos anos, quando vivia na cidade, um grupo de oralizados o proibiu de sinalizar. Mesmo sem saber oralizar, seguia proibido de utilizar a língua de sinais. Então, ele decidiu desprezar a proibição e seguir utilizando a língua de sinais e por conta disto lhe cortaram a mão, que foi substituída por um gancho.

(123 – Peter Pan)

Nessa narrativa é apresentada a dificuldade de manter a luta pela língua de sinais em uma sociedade em que até mesmo alguns surdos se posicionam

contra ela, quando optam pela comunicação oral. Os surdos oralizados são apresentados como vilões, que menosprezam a língua de sinais e impossibilitam que ela continue sendo utilizada, quando cortam a mão do Capitão Gancho. Os surdos oralizados são representados como aqueles que prejudicam o equilíbrio da comunidade surda, e se assemelham ao que Rutherford (1993, p. 119) denomina *think-hearing*: “alguém que parece ser um membro da comunidade surda, mas que pensa muito mais como um ouvinte”. Para Rutherford esse grupo de sujeitos pode causar um dano para a comunidade surda, uma vez que ao conviver com eles, a maioria ouvinte pensa que eles representam toda a comunidade surda e desta forma podem ter muitas conclusões equivocadas como a “de que todas as pessoas surdas podem falar (ou querem falar); que todos os surdos podem ler os lábios; que as pessoas surdas não precisam de intérpretes e assim por diante” (RUTHERFORD, 1993, p. 120).⁴

É justamente no encontro com a comunidade surda, esse abrigo seguro, que os personagens surdos encontram forças para enfrentarem as práticas de apagamento e exclusão vividas até então. A comunidade surda, embora numericamente pequena, é um espaço não somente para o prazer do encontro, mas também se constitui como uma forma de pertencimento a um grupo, a uma família. Grande parte das famílias biológicas dos personagens surdos é apresentada como famílias que nunca aceitaram os surdos em sua diferença.

Um exemplo interessante é apresentado na quarta narrativa analisada, intitulada *Proibido o implante coclear*, na qual o sujeito surdo cresce longe do contato com outros surdos, adotado por seus avós que o submetem à cirurgia do implante coclear. O garoto surdo, que era filho de pais surdos sinalizantes, cresce longe dos pais e da língua de sinais, respeitando o desejo dos avós de que ele esquecesse sua surdez e vivesse tal como um ouvinte; até que um dia, caminhando pela rua encontra um grupo de surdos, com os quais se identifica instantaneamente. Os laços se estabelecem como que automaticamente e se manifestam como mais fortes que os laços de sangue, pois após esse contato com a comunidade surda, o sujeito surdo se volta contra os avós e contra o uso do implante coclear, quebrando esse vínculo inicial, retornando ao que seria o seu verdadeiro lar: seus pais surdos e a comunidade surda sinalizante.

Há a transição de um olhar sobre o personagem como um sujeito deficiente, a quem falta a audição, para o sujeito surdo, completo a partir da

⁴ Tradução nossa.

língua de sinais. Pode-se dizer, com esses exemplos, que nas narrativas a língua de sinais é o fator principal para a constituição do sujeito surdo, e não a perda auditiva, embora essa característica não seja negada ou omitida.

Ao encontrar com seus pares, o próprio personagem passa a se perceber de outra forma, e desta maneira as situações adversas que enfrenta não o afetam com a mesma intensidade. O sujeito sente-se protegido pela comunidade que o abriga, encontra nela a segurança e a força para sair da escuridão e da solidão.

Situação muito semelhante à narrativa *Proibido implante coclear* é apresentada em *Mente Escura*, em que a personagem principal caminha triste em meio aos ouvintes, sentindo sua mente se escurecer aos poucos, até que, seguindo sua caminhada, encontra um grupo de surdos, com os quais ele se identifica, e através da comunicação em língua de sinais sua mente clareia.

A metáfora da luz é muito significativa, principalmente quando se pensa os sujeitos surdos como sujeitos visuais, que interagem com o mundo a partir da visualidade. Assim, a língua de sinais é representada como aquela que abre os olhos, amplia a visão e possibilita que o sujeito possa olhar para si mesmo e identificar-se como surdo. Iluminado, modifica substancialmente a realidade, ampliando possibilidades de acesso, caminhos de vida.

Ainda a partir dessa metáfora da luz, é possível pensar que os personagens surdos percebem melhor [pela presença da luz, enxergam melhor] a realidade que os rodeia; portanto, os ambientes em que a língua de sinais se faz presente são os espaços desejados, pois proporcionam maior bem estar, maior segurança. Desse modo, conseguem ver onde pisam e assim realizam escolhas mais autônomas, sendo mais livres e independentes.

Outra recorrência, nas narrativas analisadas, é o encontro com outros surdos, principalmente surdos adultos, que simbolizam a porta de entrada para importantes transformações na vida dos sujeitos, a ponto de afirmar que, sem a língua de sinais e sem a comunidade surda, não há sujeito surdo, ao menos não no sentido cultural apresentado nas narrativas.

Em *O modelo do professor surdo*, o encontro com outros surdos se dá na escola, espaço em que grande parte desses sujeitos tem o primeiro contato com a língua de sinais, já que a maioria dos surdos possui familiares ouvintes. Nessa narrativa, o professor é apresentado como um modelo linguístico e também como um modelo profissional, ampliando não somente as possibilidades de comunicação, mas as perspectivas de vida. Veja-se o excerto a seguir:

Espantado vejo meus alunos surdos fazerem gestos. Então me recordo de que quando eu era criança, também fazia gestos.

O professor surdo sinalizava para mim e assim eu aprendi a fazer sinais, cresci e me tornei professor de LIBRAS.

(144 – O modelo do professor surdo)

O valor do personagem professor surdo é evidenciado por ter seus alunos como iguais, o que possibilitaria conhecer melhor os sentimentos dos alunos, bem como valorizar o aprendizado da língua de sinais, herança recebida e que passará aos seus alunos. Propõe-se com isso que os surdos se identifiquem com seus pares, considerando vivências semelhantes experimentadas por grande parte deles.

A comunidade surda é apresentada neste exemplo como território imaginário para a transmissão de conhecimentos e experiências entre as gerações, saberes estes que não só subsidiam a “sobrevivência” desses sujeitos perante a sociedade mais ampla, como produzem esses sujeitos, dando-lhes subsídios para crescerem cultural, profissional e/ou economicamente.

A comunidade é apresentada como o espaço de prazer, de diversão, que dá vida ao dia-a-dia dos surdos. Em *O tempo venenoso* essa temática é abordada ao se discutir como os surdos percebem o passar do tempo. No local de trabalho, o tempo passa muito devagar para os sujeitos surdos, pois geralmente em seus setores só encontram ouvintes, com quem pouco se comunicam. No intervalo de almoço, quando os surdos de diferentes setores se encontram, o tempo passa muito rápido, representando que o tempo passa de diferentes formas quando se está em uma atividade prazerosa ou não. O mesmo acontece na saída do trabalho, na qual os surdos vão conversando até o ponto de ônibus, permanecem até o anoitecer para aproveitarem ao máximo aquele momento de encontro.

[...] Os ouvintes se encontram e conversam todos os dias, os surdos, por outro lado, passam vários dias sem encontrar seus pares. Quando encontram, batem mãos e esquecem do tempo[...].

(49 – Tempo venenoso)

No excerto apresentado, ainda é feita uma comparação com a realidade dos ouvintes para quem a comunicação entre pares acontece diariamente e em vários momentos do dia. Por outro lado, para os surdos, esses momentos de encontro são muito menos frequentes, mas muito mais valorizados. A relevância da comunidade é tamanha que, para ter o contato com outros surdos, é válido enfrentar perigos ou ter algumas perdas na vida, tal como é retratado no excerto a seguir, em que a *Lua*, a *Lobinha Surda* foge e vai ao encontro de seus colegas também surdos na escola. Veja-se o excerto sobre a lobinha surda.

Todos aprenderam facilmente a comunicar-se com Lua, pois dona Águia, que era comadre de Clara, havia ensinado a língua de comunicação dos surdos, conhecida como a língua de sinais, muito usada na escola em que ela trabalhava. Todos os dias, a pequena lobinha saía escondida do grande líder e ia para a escola bilíngue, onde seus coleguinhas eram o elefante Joy, a girafa Pita e o ursinho Duk, também surdos.

(32 – Lua, a lobinha surda)

A fuga de casa pode estar relacionada à questão de que a comunidade é apresentada como uma família, portanto ir ao encontro dela é como retornar ao lar.

Na história *Encontro em cidade puro surdos*, a personagem principal vive infeliz até que encontra uma cidade em que todos são como ele. Além da possibilidade de acesso a todos os espaços e da plena comunicação, também é evidenciado que nesta “família” todos se ajudam, ninguém passa necessidade, é como “um sonho, lindo”.

– Todos aqui são surdos?

– Sim, somos todos uma família. É natural ser surdo. [...]

O homem sorrindo, deixou que ele caminhasse livremente. O surdo chegou em um restaurante e perguntou:

– Você é surdo?

– Sim, sou surdo. Quer um pão? Não tem problema, eu te ajudo.

– Muito obrigado. – E saiu comendo satisfeito.

Toda a sociedade era adequada para a sua comunicação. [...]

E todos lhe ajudavam, em toda a sociedade a cultura surda estava presente, parecia um sonho, lindo.

(29 – Encontro em cidade puro surdos)

Ao apresentar o mundo ideal, a narrativa dá margem para que se analise o seu viés, ou seja, a realidade para além do conto, na qual vive o personagem da história. Ao referir-se à cidade em que todos são surdos como um sonho, é possível entender que o que é sonho não é necessariamente vivenciado na prática, e assim o texto se constitui como uma crítica à falta de acessibilidade e de valorização da cultura e da língua surdas.

Sinais finais

Muitos destaques poderiam ser feitos relacionados às narrativas analisadas. O percurso dos personagens surdos vai da escuridão à luz – do isolamento ao encontro com a comunidade surda. Nas nove narrativas, a comunidade surda e a língua de sinais funcionam como a chave para a abertura das portas que isolavam o surdo no escuro, tal como apresenta Padden & Humphries:

Essas histórias, discursos, e performances são advertências a respeito de mundos, onde se cai na escuridão, na não existência, e no desespero. O que vemos em todos esses textos é a formação e a expressão de ideias que as pessoas Surdas tem de verdadeiro e imutável. Os ingredientes para se alcançar o mundo desejado são os mesmos: a língua de sinais e o compartilhado conhecimento das pessoas Surdas, ou o que Veditz chama de ‘seus pensamentos e suas almas, seus sentimentos, desejos, e necessidades’ (PADDEN & HUMPHRIES, 1988, p. 29).

A comunidade como lar é não somente um espaço de segurança e fortalecimento, mas um espaço de aconchego, em que as necessidades individuais são supridas; um ambiente em que é compreendido, respeitado e valorizado. As comunidades de entendimento comum oferecem aconchego, tensão, conforto e necessidade de vigilância.

Para Karnopp (2007) a comunidade surda, usuária de uma língua de sinais, enfrenta o desafio de defender essa língua como patrimônio cultural e linguístico, entre outros desafios. Neste sentido, é que as mudanças e o reconhecimento legal da língua de sinais fortalece a defesa dessa língua, valor cultural das comunidades surdas. A união proporcionada pelo compartilhamento de uma língua e uma cultura é descrita por Bauman da seguinte maneira:

o entendimento ao estilo comunitário, casual (...) não precisa ser procurado, e muito menos construído: esse entendimento já “está lá” completo e pronto para ser usado – de tal modo que nos entendemos “sem palavras” e nunca precisamos perguntar com apreensão, “o que você quer dizer?”. O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia *precede* todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o *ponto de partida* de toda união. É um “sentimento recíproco e vinculante” – “a vontade real e própria daqueles que se unem”; e é graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam”. (BAUMAN, 2003, p. 15 – 16)

Tal entendimento na comunidade surda torna-se possível pelo fato de compartilharem a língua de sinais, em uma sociedade em que a língua majoritária é uma língua oral. Nesse contexto frágil e vulnerável, utilizamos a advertência de Bauman (2003, p. 19) “A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa”.

No final de *Peter Pan*, é narrada a despedida de Peter, um surdo sinalizante, e Wendy, uma surda que até então não havia tido contato com outros surdos. Preocupado com o futuro de Wendy longe dos surdos da Terra do Nunca, Peter a presenteia com a língua de sinais, que seria a chave da construção de outro caminho de vida para a menina:

[...] retornou até Wendy e lhe deixou um presente: uma flor com um coração em seu interior e um livro com um DVD sobre Libras, para que abrisse sua mente e aprendesse mais a língua de sinais. De modo que sua vida se ampliasse, para que ela fosse livre para constituir sua identidade.
(123 – Peter Pan)

Talvez, essas narrativas tenham muito a nos ensinar sobre as experiências de ser surdo, e nos apontem direções para fazer a educação de surdos: no encontro entre pares, na valorização e potencialização da língua de sinais e no conhecimento dos modos de ser surdo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart (Org.). *Representation: Cultural representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n. 2, p.98 – 109, Jun. 2006.

KARNOPP, Lodenir B.; KLEIN, Madalena. Narrativas de professoras sobre a(s) língua(s) na educação de surdos. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 32 n. 2, p. 63 – 78. 2007.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: _____. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. p. 15 – 28.

_____; SILVEIRA, Carolina Hessel. Humor na literatura surda. *Educar em Revista*. Curitiba, Edição Especial n. 2, 2014, p. 93 – 110.

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. *Deaf in America: Voices from a Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no YouTube: consumindo a cultura. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. *Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras*. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RUTHERFORD, Susan D. *A Study of American Deaf Folklore*. Bustonsville: Linstok Press, 1993.

SKLIAR, Carlos. Seis perguntas sobre a questão da inclusão ou de como acabar de uma vez por todas as velhas – e novas – fronteiras em educação. *Pro-posições*. Campinas, v. 12, n. 2 – 3, jul./nov. 2001.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: _____. (Org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre os Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.

THOMA, Adriana da Silva. *O cinema e a flutuação das representações surdas – Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...* 2002. 259f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

Data de registro: 13/04/2015

Data de aceite: 26/08/2015